

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Sertãozinho — Uma Sociedade Dependente da Lavoura Canavieira e da Agro-indústria Açucareira. José Dantas. Tese de Doutorado, 1976. São José do Rio Pardo. 181 p.

José Dantas é professor de História do Brasil da FFCL Barão de Mauá de Ribeirão Preto e de Cultura Brasileira da FFCL de Araraquara da UNESP.

Este trabalho de doutorado teve como orientador o Prof. Dr. Emmanuel da Veiga Garcia e como banca examinadora os Profs. Drs. Maria Conceição D'Incao e Mello, Manoel F. G. Seabra, Silvia Carvalho e Vera Botta. Apesar de não ser um trabalho essencialmente geográfico, traz uma grande contribuição à geografia da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo. Os estudos sobre as áreas canavieiras paulistas enfocam na sua maioria a área açucareira da depressão periférica, enquanto o autor desenvolve o seu estudo no principal centro açucareiro do planalto ocidental paulista, que é Sertãozinho.

Mas a sua maior contribuição à Geografia está no enfoque que dá à situação do homem nesta área canavieira do Estado de São Paulo.

No Capítulo I o autor aborda "A agro-indústria açucareira no Brasil", no Capítulo II analisa "Das origens de Sertãozinho à decadência de sua lavoura cafeeira", no Capítulo III, "O processo de implantação e desenvolvimento da agro-indústria açucareira em Sertãozinho", e no Capítulo IV aborda "A força de trabalho da agro-indústria açucareira e da lavoura canavieira de Sertãozinho". A essência de seu estudo corresponde ao Capítulo IV, onde o autor analisa a força de trabalho da agro-indústria açucareira e da lavoura canavieira de Sertãozinho (p. 123/167), sendo essa uma das contribuições mais sérias e significativas sobre a situação do trabalhador nas áreas canavieiras. Problema importante para as ciências em geral, o autor mostra e acusa através de fatos concretos a exploração capitalista do meio rural brasileiro.

Num primeiro plano, o autor estuda as condições de vida do trabalhador rural, particularmente o "bóia-fria", reproduzindo as condições gerais da agro-indústria açucareira em nosso país. Posteriormente mostra as relações entre os proprietários dos meios de produção e os cortadores de cana, e num terceiro plano dá os aspectos teóricos do trabalho, dentro de uma perspectiva do materialismo histórico, identificando o trabalhador rural temporário como um dos elementos fundamentais do "exército de reserva", fator básico da acumulação capitalista.

José Dantas nota que "os cortadores de cana fazem parte da paisagem econômica de Sertãozinho, tendo a cada ano dois momentos que marcam profundamente as suas vidas (...), um, durante a época da safra, de junho a dezembro (...), e o outro, a época da entressafra, de dezembro a junho, quando seu salário se reduz consideravelmente, provocando, por isso mesmo, condições de vida muito miseráveis" (p. 124). Logo a seguir continua descrevendo a miséria em que se encontram essas populações: "Suas habitações são construídas com um único cômodo, onde toda a família, geralmente numerosa, se acomoda ao lado de seus miseráveis pertences, via de regra os mais rudimentares possíveis" (p. 125).

O autor continua, mostrando um excelente levantamento sobre as condições de alimentação e o regime alimentar do cortador de cana (este é um dos aspectos mais importantes da Geografia que Monbeig, Deffontaines e Josué de Castro colocaram para os geógrafos brasileiros). Quanto ao problema alimentar, Dantas mostra vários quadros sobre a dieta do cortador de cana, tendo como base o arroz-e-feijão. Quanto ao abastecimento familiar, é feito através da compra pelo "sistema de vales" ou "sistema de caderneta", ficando à mercê e sob a dependência do proprietário do armazém e do empreiteiro (p. 128).

Outro assunto importante diz respeito ao descrédito que os trabalhadores nessa área canavieira paulista possuem quanto ao Sindicato do Trabalhador Rural, constatado através de inquéritos registrados no trabalho: "A crença de que o Sindicato é apenas um instrumento de arrecadação de fundos sem qualquer atuação é comum entre os cortadores de cana, conforme registrei num dos vários depoimentos" (p. 132).

As condições de trabalho na entressafra tornam-se cada vez mais difíceis para o cortador de cana em função da mecanização contínua na área. "O processo de modernização e capitalização, que invadiu inicialmente apenas as grandes empresas agro-industriais, começa a tomar corpo penetrando nas empresas agrícolas, as fazendas de 200 alqueires de terra" (p. 154). Dantas continua mostrando as contradições constantes dentro do sistema rural-urbano, onde o trabalhador rural é encarado apenas como instrumento de produção: "Neste universo de exploração capitalista, o indivíduo não conta, o que conta são as suas mãos ou simplesmente aquilo que ele é capaz de produzir" (p. 159).

O autor explica que as relações entre os cortadores de cana estão mais ao nível afetivo do que a um nível de consciência de classe, e cita: "O trabalhador rural vive dentro dessa realidade sem ao menos discuti-la. A sua possível discussão se perde no vazio de uma venda, entre um trago e outro de cachaça" (p. 160).

Silvio Carlos Bray